

ANA FLÁVIA MOREIRA CECE

ALDEIA LAGOINHA: uma perspectiva indígena de sua história

AQUIDAUANA MS

2024

ANA FLÁVIA MOREIRA CECE

ALDEIA LAGOINHA: uma perspectiva indígena de sua história

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Aquidauana, com requisito parcial para obter o título Licenciado em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Ferreira Vargas Cesco.

AQUIDAUNA MS

2024

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo registrar a história da Aldeia Lagoinha, pertencente à Terra Indígena Taunay/Ipegue, situada no Município de Aquidauana - MS. Diante das responsabilidades atribuídas aos estudantes indígenas pelos moradores às gerações mais jovens, esperam-se que os estudantes, universitários realizem um registro de sua história para manter as narrativas dos anciãos sempre presente em nossas memórias. Contexto que também atende uma orientação do movimento indígena. Optou-se por realizar entrevistas com os moradores, pesquisas bibliográficas, organizar fotografias pertencentes as famílias terenas que fizeram parte da pesquisa, assim como registrar novas fotografias, acessar e consultar documentos como as atas escolares, das igrejas locais e da comunidade em geral, assim como demais documentos existentes. O cacique atual, Leveson Vicente, líder da comunidade, ressalta a importância da educação para a nova geração. O trabalho está organizado em sete subtópicos, abordando a estruturação, criação e manutenção dos aspectos culturais da comunidade Terena. Ao final, são apresentados os encaminhamentos e a relevância de pesquisas futuras na construção de documentos que mantem a história da comunidade. Este estudo não se limita a registrar a história da Aldeia Lagoinha; representa também uma conquista pessoal significativa para a autora Terena e residente na aldeia e, por conseguinte, para o povo Terena. Reforça a importância de manter a memória e a cultura indígena, por meio das pesquisas realizadas pelos próprios pesquisadores indígenas.

Palavras-Chaves: História da Aldeia Lagoinha; Terena; Terra Indígena Taunay/Ipegue.

ABSTRACT

This course completion work aims to record the trajectory of Aldeia Lagoinha, belonging to the Terena ethnic group and located in the District of Taunay, Aquidauana – MS. Given the responsibility attributed to the younger generation to maintain the narratives of the elders, it was decided to carry out interviews with the elders, bibliographical research, organize photographs belonging to the Terena families that were part of the research, as well as record new photographs, access and consult documents such as school minutes, local churches and community in general, as well as other existing documents. The current chief, Leveson Vicente, leader of the community, highlights the importance of education and sustainable development for future generations. The work is organized into seven subtopics, addressing the structuring, creation and maintenance of the cultural aspects of the Terena community. At the end, directions and the relevance of future research in the construction of documents that maintain the history of the community are presented. This study is not limited to recording the history of Aldeia Lagoinha; It also represents a significant personal achievement for the author and, therefore, for the Terena people. It reinforces the importance of maintaining indigenous memory and culture, through research carried out by indigenous researchers themselves.

Keywords: History of Aldeia Lagoinha, Terena, Indigenous Land

HÊSUMU:

Enepora úsotine ihíkavoti koyúhoti éxetina vékoku Kali Lâvona, ítuke Têrenoe, ovoti Distritunake Tóne, municipiuna Kidâuana – MS. Poréxokonoa inámatihiko xâne motovâti kounakea emóuhiko kúxoti xâne (yékoteno) koyuhó koetike, éxetinake, peskisake yoko nóko’okea ne nonêtihiko, koyuhópeti ihíkaxovokutike yoko yútoehiko imokóvokutike yaye vípuxovokuke. Enepora natina UTI yara koêku, Leveson Vicente, koêku ítúkeovo inuxínoati ra vípuxovoku, koyúhoa itukeovo koâti nókone ihíkavoti motovâti ukóponea káxunakea xapa inámatihiko xâne keno’ókoti káxe. Enepora itukéti setí kôe iháxakoku koyúhoti kíkoku óvea tûri, yoko kóyuseyeokono ne kíkoku vitúkeovo ítuke ípuxovoku Têrenoe. Hunókokuke exókokonotimo vékoku kíkoku ítúkeokono ra koyuhópeti , motovâti ákoyea áuke’e éxetina ra vípuxovoku. Enepora ihíkavoti haina póhutine yutóxea éxetina ra vípuxovoku, itea éxokoamaka ítúkeovo êho xoko yutoxoâti koane xapakuke xanéhiko Têrenoe, kóxunakoa kónokea ákoyea enepohiko ra nókone vitúkea.

YUHÔTIHIKO: Ípuxovoku Têrenoe; Éxetina Vípuxovoku.

INTRODUÇÃO

Com base nos estudos e conhecimentos adquiridos ao longo de quatro anos no meu curso de História, hoje, como concluinte do mesmo e sobretudo como membro da etnia Terena, residente na Aldeia Lagoinha, reconheço a responsabilidade de registrar os eventos que residem exclusivamente na memória dos anciãos: a história da minha aldeia. Meu objetivo é permitir que as gerações futuras tenham acesso a essas narrativas, para que possam compreender o passado de sua comunidade. Infelizmente, os anciãos que compartilham essas histórias que sempre nos deixaram curiosos, não estarão conosco para sempre.

O objetivo é transformar as informações adquiridas pela pesquisa em um documento escrito, que será uma referência duradoura, assim contribuir com a história da aldeia e com as demais gerações futuras. Moradores, estudantes, acadêmicos e outros interessados poderão compreender o processo de fundação da Aldeia Lagoinha, e registrá-lo em suas memórias e consolidando estes registros em arquivos e documentos acadêmicos.

Para concretizar esse objetivo, utilizei principalmente o método da história oral Alberti (2018), uma abordagem que envolve pesquisas e entrevistas com indivíduos. Além disso, recorri a fotografias antigas e contemporâneas da própria comunidade, atas de igrejas e escolas também foram utilizadas como fontes desta pesquisa.

Desta maneira, o presente trabalho foi construído com a participação mútua dos membros de nossa comunidade, organizados e redigidos na forma de um trabalho acadêmico, e apresentado como trabalho de conclusão de curso.

O presente trabalho está organizado em 7 subtópicos dentro de um desenvolvimento, onde cada tópico busca narrar a estruturação, criação e manutenção de determinados aspectos culturais de nossa comunidade, sejam eles físicos ou imaterial. Ao fim, é relatado no tópico de considerações finais, os principais pontos identificados como mais sensíveis do presente trabalho, e as dificuldades enfrentadas em sua construção. Que este seja mais que apenas um trabalho acadêmico, mas sim, uma conquista do povo Terena da aldeia Lagoinha, "Vukápanavo".

2 – DESENVOLVIMENTO

2.1 – Os Terena

Segundo dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), os Terena emergem como a segunda maior população indígena no estado de Mato Grosso do Sul. Com um grupo de mais de 26 mil indivíduos, segundo os dados da Sistema de Atenção à Saúde Indígena/SIASI/SESAI(2014). Estas comunidades estão primordialmente estabelecidas em áreas dos municípios de Aquidauana, Anastácio, Miranda, Nioaque, Sidrolândia, Dois Irmãos do Buriti, Campo Grande e Rochedo. Além destas localidades, também há dispersão de grupos em diversas regiões de Mato Grosso e em algumas partes do interior de São Paulo. No contexto de Aquidauana, os Terena se organizam em aldeias das terras indígenas de Limão Verde e Taunay/Ipegue, além da aldeia urbana Tico Lipu (BALTAZAR, 2010).

A cultura Terena se destaca por sua profunda riqueza, abrangendo rituais e tradições como o Yunakalu (FIGURA 01), uma espécie de curandeiro, também conhecido como “Xumonó”, ritual onde um membro da comunidade, geralmente um ancião ou o próprio curandeiro, sai de casa completamente adornado e percorre a comunidade. Durante esse percurso, ele é acompanhado por um cortejo, apontando com um bastão para indicar o que deseja para o banquete subsequente. Em conformidade com a tradição, ninguém tem o direito de recusar o pedido, e ao término do ritual, todos participam coletivamente do banquete, promovendo um momento de confraternização e comunhão organizada (SILVA, 2013).

A última apresentação e execução do ritual Yunákalu na aldeia Lagoinha aconteceu em 2014, quando na oportunidade ritual foi executado por alguns membros da comunidade sob orientação de anciões, o objetivo era que os jovens pudessem conhecer e manter a tradição viva, no entanto, desde então, o ritual nunca mais foi realizado, sendo que poucos ainda conhecem a tradição.

FIGURA 01: Registro de uma encenação do ritual YUNÁKALU.



Fonte: Arquivo pessoal da Autora. Aldeia Lagoinha, 2014.

Além dos rituais, também há as danças tradicionais Sipúterenoe (dança das mulheres) e Híyokena Kipae (Dança da Ema/Bate Pau), onde os adornos e pinturas são feitos principalmente com as cores vermelho, preto e branco, simbolizando o vermelho o sangue, o preto o luto e o branco a paz (NASCIMENTO e MEDEIROS, 2021). Na aldeia Lagoinha, as danças são realizadas em datas comemorativas, como o dia do índio (19 de abril), aniversário da aldeia (04 de dezembro) ou quando recebem visitas importantes e cerimônias religiosas. A dança das mulheres (FIGURA 02) é realizada como uma alusão à alegria das mulheres pelo retorno de seus companheiros e demais homens Terena após a guerra do Paraguai. Já a Dança da Ema, também conhecida como a Dança do Bate-pau ou Híyokena Kipae (FIGURA 02) na língua Terena, representa uma tradição significativa para o povo Terena, transmitida através de gerações como uma expressão cultural e ritualística. Durante esta cerimônia, homens de diferentes faixas etárias se reúnem para uma apresentação única, acompanhada pela melodia de flauta e tambor (OLIVEIRA, 2016).

FIGURA 02: À esquerda a dança das mulheres Terena e à direita crianças dançam a dança da Ema durante festividade do dia do índio na aldeia Lagoinha em 2023.



Fonte: Arquivo pessoal da Autora. Aldeia Lagoinha, 2023.

Vestidos com trajes confeccionados com penas de ema e palha, os guerreiros executam uma coreografia com longas taquaras, destacando-se pela combinação de movimentos simbólicos. As cores, predominantemente vermelho e azul, são usadas para distinguir os dois grupos de guerreiros. O desfecho ocorre com a formação de um círculo pelos guerreiros, unindo suas taquaras. Sobre essa estrutura improvisada, um guerreiro é posicionado, sendo elevado enquanto é aclamado pela comunidade, simbolizando a coesão e força do grupo.

Embora não haja consenso, a origem da Dança da Ema evoca relatos pós-guerra, ressaltando a riqueza cultural e histórica desta tradição. A dança não é apenas uma forma artística, mas uma representação viva da identidade e resiliência do povo Terena, perpetuando sua herança ao longo do tempo.

Ao longo da história, o território ocupado por essa comunidade indígena tem sido objeto de conflitos entre colonizadores/fazendeiros e indígenas que persistem até os dias atuais (VARGAS, 2011).

A comunidade Terena permanece empenhada na luta pela delimitação de suas terras, assim como no fortalecimento de suas tradições e cultura por meio, principalmente de projetos escolares e comunitários como feiras culturais, apresentações das danças tradicionais além de realizações de comemorações pela colheita farta, por um bom plantio ou ainda nas comemorações em alusão ao dia do

índio são momentos de constante reflexão pelos avanços conquistados e lutas que permanecem. Isso não apenas assegura a contínua existência do povo Terena, mas também realçam seus triunfos, representado pelo crescimento do número de aldeias Terena como as comunidades urbanas Tico Lipú em Aquidauana, Inamati Kaxé e Comunidade Indígena Paravá em Campo Grande, Tereré e Nova Tereré em Sidrolândia, além das retomadas Nova Esperança, Maria do Carmo, Mangava e Touro na região de Taunay-Ipegue.

A reconquista de territórios, e avanço das aldeias urbanas, demonstrando que mesmo com um maior convívio com os não indígenas, a essência de sua cultura permanece, principalmente na manutenção da organização de suas comunidades como aldeia indígena estruturada de acordo com as políticas tradicionais, com um cacique, uma liderança tribal e a constante participação comunitária nas decisões que envolvem questões que possam afetar os demais (Domingo e Maria, 2017).

Os Terena são habilidosos em equilibrar e manter sua cultura com a integração de elementos da sociedade não indígena. Isso pode ser associado, mais recentemente, ao processo educacional dos membros da comunidade que no passado tiveram que sair de suas aldeias para se qualificar melhor e trazer os conhecimentos modernos. Apesar de enfrentarem desafios como alfabetização em português tardia, muitos alcançaram capacitação profissional, na aldeia Lagoinha são 17 graduados e um mestre. Essas pessoas desempenham um papel fundamental na defesa e promoção da cultura Terena, conforme discutido por Ventura, Lacerda e Nincao (2014).

Dentro dessa rica história, emerge a Aldeia Lagoinha, uma importante comunidade Terena da terra indígena Taunay-Ipegue. A história dessa comunidade é descrita nos tópicos a seguir a partir de relatos de anciões, pastor e agricultores/lavradores da comunidade, além de documentos oficiais, como atas de igrejas ou ainda Projeto Político Pedagógico das escolas da comunidade.

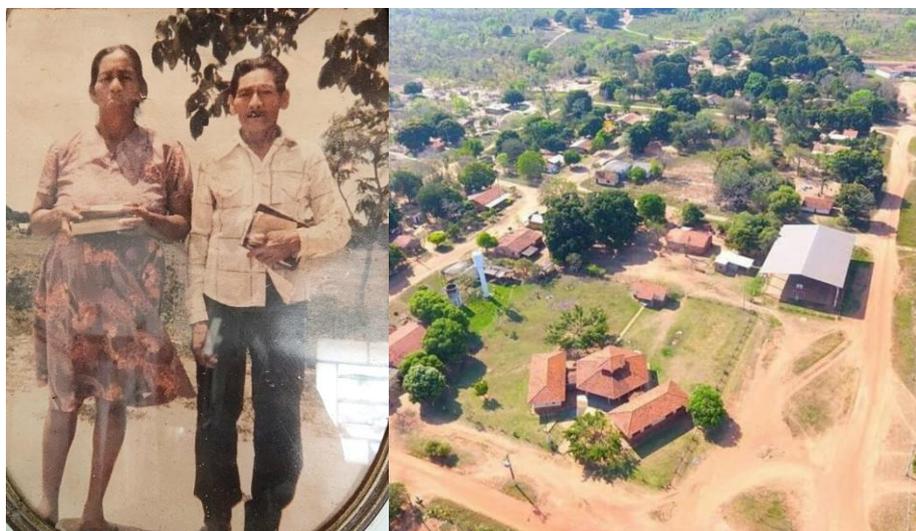
2.2 – Fundação Da Aldeia Lagoinha

A presente descrição é proveniente de informações obtidas no Projeto Político-Pedagógico das escolas Municipal Indígena Polo Marcolino Lili e Estadual Indígena Ensino Médio Pastor Reginaldo Miguel Hoyenó'o colaborados com relatos dos anciões, Pastor Emílio Miguel Moreira, pastor da Igreja Uniedas, do Ex-cacique

Rosalino da Silva, e do cacique atual Leveson Vicente que contribuíram com seus relatos orais através de entrevistas realizadas.

Segundo o relato do Sr Pr Emílio e do ex-cacique Rosalino, a aldeia Lagoinha (FIGURA 03), em terena: Kali Lâvona, teve sua origem quando o Sr. Guilherme Moreira (Títi) e sua esposa, dona Margarida Moreira (Hin'né) (FIGURA 03), começaram a cultivar as terras da região. Originários da aldeia Bananal, eles vinham diariamente para cuidar de suas plantações e decidiram construir uma pequena casa próxima para passar o dia, retornando à aldeia Bananal apenas à tarde.

FIGURA 03: à esquerda fotografia antiga dos fundadores da aldeia Lagoinha e à direita vista aérea da aldeia.



Fonte: Arquivo pessoal da Autora. Aldeia Lagoinha, 2016.

Na época, uma família (Cecé) já residia nessas terras, distante do local atual onde a maioria da população vive e onde o desenvolvimento aconteceu. No contexto local, não há um consenso sobre o papel da família Cecé na história da aldeia Lagoinha, mas é de comum conhecimento local que ela é a família mais antiga da comunidade e com papel na formação da aldeia, principalmente por terem sido a primeira família presente na região onde hoje está localizada a aldeia, mesmo que à época não houve por parte destes a iniciativa de criar ali uma aldeia, atas e outros documentos que envolvem algum histórico da comunidade relatam o mesmo.

Em relato para esta pesquisa, o Pastor Emílio Miguel Moreira relata que seu pai, o sr. Guilherme, se mudou para a área definitivamente em 1956, junto com sua esposa e filhos mais velhos. Filho caçula do casal, sr. Emílio, nasceu em 3 de outubro de 1957 e foi a primeira criança nascida na aldeia Lagoinha, sendo,

atualmente, o pastor da igreja Uniedas Lagoinha, a primeira igreja estabelecida na comunidade em 1960.

Segundo o PPP da escola Marcolino Lili, o nome "Lagoinha" (Kali Lâvona) é uma homenagem a uma senhora idosa, Dona Maria Carolina, que costumava admirar uma lagoa próxima e a chamava de "Kali Lâvona", que significa "lagoa pequena". O fundador oficial é o ancião Guilherme Moreira, que criou seus filhos no caminho do evangelismo, todos os nove filhos, cinco homens e quatro mulheres. O senhor Guilherme Moreira nasceu em 20 de abril de 1915 e sua esposa, dona Margarida Miguel Moreira nasceu em 15 de março de 1920.

Atualmente, a aldeia abriga aproximadamente 680 moradores distribuídos em 174 famílias, conforme dados da SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena) obtidos com os agentes de saúde Jamiel da Silva Dias e Jane Moreira Marques, em novembro de 2023, ambos também são moradores da comunidade. Ela possui duas escolas, cinco igrejas e várias comodidades, como água encanada, posto de saúde, energia elétrica, internet, campo de futebol e pequenos comércios. A economia da aldeia é baseada na agricultura e na venda de produtos dentro das aldeias e nas cidades.

O atual cacique da aldeia, Sr. Leveson Vicente, vice Sr. Galdino Gonçalves, e um conselho liderado pelo Sr. Luiz Fernando Delfino. A língua Terena é mantida principalmente pelos idosos, falada fluentemente por eles, enquanto poucos jovens falam Terena, preferindo se comunicar em português. Essa preferência dos jovens pelo português preocupa, uma vez que gradativamente o domínio da língua materna tem sido perdido por eles devido principalmente à influência das tecnologias e da comunicação com os não indígenas.

2.3 – Organização do Espaço e Sociopolítica

2.3.1 – O Cacique e a Liderança Tribal

O papel do cacique (também chamado de capitão pelos anciãos principalmente) é de representante político de seu povo, exercendo liderança tanto em nível local quanto fora dos limites de sua comunidade (VALIENTE E PALMA, 2019), por meio do convívio e interação com membros da liderança tribal de outros mandatos também, contatou-se por meio desta pesquisa a maneira como é feita escolha do conselho tribal, ela se dá de acordo com as necessidades do então

cacique, normalmente optando por pessoas mais velhas como presidente do conselho, atuando realmente como um conselheiro, porém os demais membros são escolhidos de acordo com a disposição de trabalho e proximidade com o cacique, uma vez que são cargos não remunerados, a atuação se dá exclusivamente pela vontade de trabalhar em prol de sua comunidade.

Ao participar como eleitora em mais de 3 eleições, e auxiliando/trabalhando em algumas chapas ao longo dos processos eleitorais que ocorreram na comunidade, acumulei observações que possibilitam a construção de um relato de como ocorre o processo na aldeia Lagoinha.

A escolha do cacique, nas aldeias Terena, seguem o mesmo padrão da eleição de líderes de bairro, uma eleição tradicional em cédulas de papel, os eleitores marcam o nome de seu candidato e depositam em uma urna, normalmente localizada na escola da comunidade sob responsabilidade de uma comissão criada para organizar a eleição, a votação acontece em apenas um local de votação. O voto é permitido para membros com mais de 16 anos e apenas para moradores cadastrados no sistema de saúde da comunidade, sendo a listagem de quem pode votar é fornecida pelos agentes comunitários de saúde, responsáveis pelo cadastramento das famílias da comunidade junto à Fundação Nacional de Saúde (FUNASA).

O cacique escolhe a sua liderança tribal e, juntos, assumem a responsabilidade de liderar a comunidade, estabelecendo normas, organizando a aldeia e representando ela perante as instituições governamentais e não governamentais. Ele é a figura central no contexto das comunidades indígenas, em suas demandas e interação com autoridades externas (AMARAL, 2018).

A existência dessas lideranças é crucial para a coesão e o fortalecimento da comunidade indígena, essa liderança, no contexto local, desempenham um papel fundamental na superação de desafios da nossa comunidade, representando seus membros perante entidades assistenciais, governamentais ou não (MIRANDA, 2023) buscando melhorias na qualidade de vida de nossa aldeia.

Embora a presença interna do cacique nas atividades socioculturais, políticas e todos os acontecimentos de movimento social da comunidade seja importante, os líderes indígenas desempenham um papel externamente, representando suas comunidades e lutando pelos direitos dos povos indígenas (SOUZA E SOUZA,

2023). Portanto, é necessário valorizar e respeitar essas lideranças, pois isso contribui significativamente para o fortalecimento da comunidade indígena e a defesa de seus direitos.

Para compreender o papel e atuação desta liderança dentro da comunidade da aldeia Lagoinha, o cacique Leveson Vicente concedeu uma entrevista para esta pesquisa, descrevendo suas atividades como representante da comunidade, assim como os principais desafios e avanços que o cacique enfrenta e pode conquistar para sua comunidade, essa entrevista foi filmada e transcrita em suas questões mais importantes no tópico a seguir:

O Cacique Atual

O atual cacique Levison Vicente (FIGURA 04), nascido em 25 de maio de 1974, revela que seu engajamento nas causas da aldeia se deu desde sua juventude, quando participava ativamente de reuniões e movimentos na comunidade da Aldeia Lagoinha.

Seu primeiro mandato como cacique teve início no ano de 1999, quando ele tinha 25 anos, motivado por sua vontade pessoal de contribuir para o desenvolvimento da sua comunidade. Após esse primeiro mandato, assumiu a presidência da associação dos moradores da aldeia, de forma que pudesse continuar se dedicando à comunidade. Sua reeleição como cacique ocorreu em 2020, foi aceita por ele como uma retribuição da comunidade por seu compromisso persistente com o bem-estar da aldeia.

FIGURA 04: Sr Leveson Vicente, atual cacique da aldeia.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, Aldeia Lagoinha 2024.

Ao discutir sobre a complexidade do papel de cacique, ele reconhece que atuar na resolução dos problemas e todas as demais demandas que surgem na comunidade é um constante desafio para o líder da comunidade. Embora na maioria das questões não haja apoio unânime às suas decisões, ele enfatiza a importância de impor regras para o benefício coletivo, prezando sempre pelo apoio da maioria de sua liderança. Essa abordagem, embasada em sua experiência, demonstra a maturidade e maleabilidade que o líder deve ter para lidar com desafios internos.

Em relação à educação, o cacique Leveson destaca conquistas significativas, como a construção das escolas municipal e estadual, sendo implementado no período de seu mandato o período integral na escola estadual além da futura introdução do curso técnico em agropecuária. Sua esperança para o futuro concentra-se na abertura de oportunidades para as gerações vindouras, uma perspectiva otimista para o desenvolvimento sustentável da comunidade.

Em seu relato, o cacique Leveson se demonstra comprometido em manter contribuições significativas para o crescimento e a coesão da comunidade.

Além do atual cacique, um ex-cacique que hoje é ancião da comunidade, Srº Rosalino da Silva, também foi entrevistado, de maneira que pudesse dar seu relato contribuindo para a compreensão da evolução do papel dessa importante liderança dentro da nossa comunidade.

Ancião e ex-cacique.

O texto a seguir propõe narrar a história da aldeia Lagoinha por meio do relato do ancião Rosalino da Silva (FIGURA 05), um dos ex-caciques da comunidade. Nascido em 4 de setembro de 1935, Rosalino compartilhou sua experiência durante uma entrevista, destacando seu papel como líder indígena.

FIGURA 05: Sr. Rosalino, ex-cacique da aldeia.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Aldeia Lagoinha, 2023.

Ele foi eleito pela primeira vez como cacique em 2004, após inicial relutância devido à sua falta de interesse no cargo. No entanto, o apoio decidido da comunidade o persuadiu a aceitar a responsabilidade. Ao longo de seu primeiro mandato, enfrentou desafios políticos, incluindo o fechamento de portas na prefeitura de Aquidauana, na época sob gestão do prefeito Felipe Orro, e por conflitos internos com opositores locais. Contudo, salientou o apoio recebido de figuras como o então governador André Puccinelli e da gestão regional da FUNAI à época foram fundamentais para o sucesso de sua gestão.

Mesmo sem conhecimento prévio sobre política, Rosalino conseguiu estabelecer conexões positivas com políticos (Governador e deputados Zeca do PT e Pedro Kemp) e gestores de agências governamentais de fomento ao desenvolvimento agrário de comunidades tradicionais como a AGRAER (Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural), recebendo auxílio significativo para a comunidade indígena, como o fornecimento de óleo diesel. Ao abordar as dificuldades internas na aldeia ele mencionou a demanda por empregos no período do seu mandato principalmente, entre os anos de 2004 e 2008.

Uma das conquistas mais notáveis para ele, durante seu mandato, foi a construção da Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Pr. Reginaldo Miguel Hoyenó'O, iniciada em 2005 e concluída em 2006. Após deixar o cargo de cacique em 2008, Rosalino continuou contribuindo para a comunidade. Durante o período de 2005-2006, no governo do então presidente Lula, liderou um projeto para fornecer eletricidade para toda a aldeia, instalando postes e melhorando a infraestrutura da região.

Mesmo após seu tempo como cacique, Rosalino permaneceu comprometido com a melhoria da qualidade de vida na aldeia, em especial no que se refere às atividades em prol de levar eletricidade às demais comunidades da região. Embora tenha optado por não buscar reeleição, sua dedicação e conquistas deixaram um impacto duradouro na comunidade de Lagoinha, contribuindo para o desenvolvimento e bem-estar dos residentes.

2.3.2 – Os Anciões

Nas comunidades tradicionais, em contraste com muitas sociedades modernas, os anciões desempenham um papel crucial como detentores de vasto conhecimento. Considerados fontes inesgotáveis de experiências, histórias e saberes, os anciões são percebidos como guardiões das tradições, costumes e da história de suas comunidades, em especial entre os Terena. Sua responsabilidade principal é transmitir esse conhecimento às gerações mais jovens, servindo como modelos de conduta social. Por meio da tradição oral, os anciões se transformam em uma espécie de biblioteca viva, constituindo um acervo valioso para a educação escolar indígena e a manutenção dos etnoconhecimentos (VILARIM et al., 2022).

Desta forma, nota-se que os anciões são vistos pelos Terena, em especial na aldeia Lagoinha, como guardiões de saberes, costumes, tradições e da própria história do povo Terena, passada de geração em geração via contos e relatos orais, ensinamentos sobre remédios, pinturas, preparo de alimentos entre outros.

2.3.3 – O Papel e a Fundação das Escolas

Escolas na comunidade da aldeia Lagoinha, normalmente, selecionam seus professores a partir dos membros de suas próprias comunidades, fator que desempenha um papel fundamental no fortalecimento e promoção da cultura e do conhecimento local, valorizando os membros da comunidade, dando preferência para professores locais além de valorizá-los, promove o desenvolvimento da comunidade, fazendo a economia local crescer, uma vez que a renda desses professores, em parte, acaba sendo revertida na aquisição de produtos e serviços dentro da aldeia.

Outro ponto importante é a produção de materiais didáticos adaptados às necessidades das escolas indígenas, bem como a estreita colaboração estabelecida

com as universidades públicas, como no caso da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), no âmbito da educação escolar indígena através do programa Saberes Indígenas na Escola (SIS), iniciativa instituída pela portaria nº 1061 de 30 de outubro de 2013 do Ministério da Educação (MEC). As escolas também detêm a autonomia necessária para disseminar o rico conhecimento indígena acumulado ao longo do tempo, transmitindo narrativas históricas, métodos de produção de alimentos específicos, entre outras características de suas respectivas comunidades (BAYER et al., 2020), durante os eventos de cunho cultural, como feira científico-cultural, ou ainda na semana das festividades do “Dia do Índio”, onde ocorrem os preparativos para a comemoração, há uma ênfase grande nos aspectos tradicionais em todas as atividades desenvolvidas na escola, na confecção de roupas e adornos utilizados nas danças tradicionais, nas pinturas corporais e até mesmo no preparo do lanche oferecido aos alunos, quando são preparados o Hihi, uma espécie de bolo de mandioca cozido, e o Lapape, semelhante à tapioca, porém utilizando a farinha de mandioca, ambos os alimentos são à base de mandioca.

Além disso, por meio da escola, os jovens indígenas podem conhecer a história do contato de seu povo, as conquistas políticas de gerações anteriores, além de fortalecer a memória e tradição de seu povo por meio da escrita. A escola indígena é importante para reforçar a identidade cultural dos povos indígenas, permitindo que eles falem de sua cultura, tradições, escrevam sua história e projetem seu futuro (SANTOS e SILVA, 2021).

Compreendo que entender o processo de ensino-aprendizagem e as possibilidades envolvendo a relação escola-aluno, possibilita o desenvolvimento social além da autonomia na construção do futuro da comunidade e a retomada dos meios de preservação da nossa cultura, transformando a escola em mais que um espaço de aprendizado, mas também de valorização e fortalecimento dos aspectos culturais e históricos de nossa comunidade, nos tornando autônomos na transmissão de nossos conhecimentos, história e tradições.

Desta forma, por meio de informações contidas no PPP (Projeto Político Pedagógico) das escolas Marcolino Lili e Pr Reginaldo Miguel, além de relatos de membros/lideranças da comunidade que participaram do processo de

implementação das unidades escolares na comunidade, um breve relato da fundação das duas unidades escolares é apresentado nos tópicos a seguir.

I – Escola Municipal Marcolino Lili

A primeira escola na comunidade indígena surgiu na Igreja Uniedas, em um galpão de pau-a-pique, iniciando suas atividades em março de 1972 com a professora Sra. Nilza Miguel. Posteriormente, um prédio de 10m x 5m, chamado Marcolino Lili, foi construído em homenagem ao ex-vereador Jair de Oliveira que colocou o nome de seu avô, o primeiro cacique da aldeia Bananal (aldeia vizinha, de onde vieram os primeiros moradores da aldeia Lagoinha).

Diante da crescente demanda, durante a gestão do Prefeito Dr. Cristóvão de Albuquerque, construiu-se um novo prédio com 2 salas, secretaria, cozinha, depósito, banheiros e varanda. A última escola (FIGURA 06), erguida em 2003 com recursos do FUNDESCOLA e Ministério da Educação, é uma estrutura de alvenaria com 4 salas, ventiladores, banheiros, cantina, sala de professores e secretaria. Atualmente, conta com professores indígenas qualificados, atendendo desde a Educação Infantil até os anos finais do ensino fundamental.

FIGURA 06: Escola Municipal Polo Marcolino Lili.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Aldeia Lagoinha, 2023.

A escola recebeu a denominação "Polo" em 2004, aprovada pela Lei nº 1919/2004 da Câmara Municipal de Aquidauana por agregar a ela a extensão

Núcleo Escolar Paulino Morais Fonseca, localizada na Aldeia Morrinho, aldeia vizinha.

A Associação de Pais e Mestres (APM) da escola foi fundada em 1996, além disso, a escola conta atualmente com 10 professores, sendo todos indígenas e moradores da aldeia Lagoinha. À frente da direção está o professor Délio Delfino e na coordenação a professora Sônia Regina Soares Delfino. No ano de 2023 eram 120 alunos matriculados, 60 no período matutino e 60 no vespertino.

II – Escola Estadual Ensino Médio Pastor Reginaldo Miguel Hoyenó'o

O histórico aqui apresentado, foi construído com base nas informações disponíveis no PPP da escola, que aborda, além das questões pedagógicas, um histórico da escola.

A Escola Estadual Indígena de Ensino Médio (EEIEM) Pastor Reginaldo Miguel, conhecida como escola HOYENÓ'O, teve uma evolução em três fases: antes de 2005, entre 2005 e 2011, e a partir de 2011. Inicialmente, não havia um prédio escolar próprio, e as aldeias dependiam de escolas municipais indígenas para ensino infantil e fundamental.

A oferta de ensino médio começou na aldeia do Bananal, estendendo-se à Escola Municipal Indígena General Rondon como extensão da Escola Estadual Coronel José Alves Ribeiro (CEJAR). Para atender à demanda na aldeia Lagoinha, os pais organizaram-se, solicitando uma extensão local. Em 2005, a extensão foi implantada.

Com a crescente demanda, a comunidade da aldeia Lagoinha trabalhou para ter sua própria escola de ensino médio. Após várias solicitações e negativas, em 2006 foi criada a Escola Estadual Indígena Pastor Reginaldo Miguel – HOYENÓ'O (FIGURA 07), homenageando o Pastor Reginaldo Miguel. A construção do prédio ocorreu após licitação em 2008, vencida pela EMMELL ENGENHARIA LTDA, com valor de R\$ 728.514,74 e prazo de 240 dias para execução.

Figura 07: Escola Estadual Indígena "Pastor Reginaldo Miguel Hoyeno'O".



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Aldeia Lagoinha, 2023

Em março de 2010, a Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Pastor Reginaldo Miguel – HOYENÓ'O foi inaugurada na aldeia Lagoinha, sob a gestão do cacique Alcery Marques Gabriel e com a presença do então governador André Puccinelli. Posteriormente, os estudantes mudaram-se para o novo prédio, conquistando independência predial.

O espaço atual inclui seis salas de aula, sala de tecnologia, cozinha, banheiros, áreas administrativas e pátio coberto. Atualmente, a escola opera no formato de Ensino Médio de Tempo Integral (EMTI) desde 2022, oferecendo também cursos de "Normal Médio" para formação de professores e Técnico em Agroecologia, iniciado em 2023. Atualmente possui um quadro de 30 professores, embora a maioria sejam indígenas, há uma demanda externa por questão de formação dos docentes, com alguns professores da cidade e de outras aldeias da região. No ano de 2023 eram 140 alunos matriculados, e o corpo de funcionários responsáveis pelos demais segmentos da escola são as 4 merendeiras, 2 Agentes de Serviços Gerais (ASG), uma secretária, além do diretor e coordenador.

2.3.4 – Unidade Básica de Saúde Indígena (UBSI) – “O Postinho”

Postos de saúde em aldeias representam um importante ganho na qualidade de vida e trazem uma série de benefícios significativos para as comunidades indígenas (LANGDON e DIEHLI, 2007). Em primeiro lugar, esses postos asseguram um acesso mais conveniente e rápido aos serviços de saúde, eliminando a

necessidade do deslocamento para áreas urbanas, normalmente distantes das aldeias, em busca de atendimento médico.

Além disso, os postos de saúde dentro das aldeias permitem um atendimento mais contextualizado e sensível às necessidades culturais e linguísticas dos indígenas (PEREIRA, 2020), esse é o cenário do posto de saúde, localizado dentro da comunidade da aldeia lagoinha (FIGURA 05), onde é oferecido atendimento de saúde além de acompanhamento médico e odontológico. O ideal é que os profissionais de saúde que atuam nesses postos fossem treinados para lidar com as especificidades da cultura indígena, de forma que possam compreender e respeitar as práticas e crenças tradicionais desses povos. Isso, contribui para o fortalecimento, aceitação e confiança por parte da comunidade aos tratamentos médicos porventura necessários e propostos, facilitando, assim, o acesso contínuo aos serviços de saúde (PEREIRA, 2020; ASSMANN et al., 2021). Em muitas funções, são membros da própria comunidade que atendem nas unidades de saúde.

Figura 08: Unidade Básica de Saúde Indígena.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Aldeia Lagoinha, 2022.

A presença de unidades de saúde dentro de comunidades indígenas é uma conquista tão significativa, não apenas do ponto de vista da evidente promoção da saúde, mas também do ganho social, da inclusão e reconhecimento das populações

indígenas que se sentem atendidas em todas as suas demandas (LANGDON e DIEHLI, 2007), desde sua inauguração em 1999, o posto de saúde da aldeia lagoinha (FIGURA 08) oferece atendimento médico, odontológico e de enfermagem em dias específicos.

A equipe multidisciplinar é composta por dois agentes de saúde, uma técnica em enfermagem, um auxiliar de saúde bucal além de um auxiliar de serviços gerais e um agente indígena de saneamento, todos membros da comunidade, apenas os médicos, enfermeira e dentistas que atendem em dias alternados, são profissionais externos ainda. Na unidade de saúde são realizadas consultas, alguns diagnósticos, tratamentos e ações preventivas, considerando as necessidades de saúde da comunidade. Além das atividades clínicas, são promovidas ações de saúde preventiva, como campanhas de vacinação e palestras educativas, buscando abordar tanto problemas de saúde quanto prevenir sua ocorrência na população local.

2.3.5 – As Igrejas

A presença das igrejas em comunidades tradicionais sempre foi um tema crítico com questões bastante complexas de se discutir, principalmente no período colonial e final do século XIX início do século XX (MELO, 2010), onde a imposição cultural era violenta. Porém, como relatado pelo Pr Emilio Moreira, na comunidade da Aldeia Lagoinha, essa presença sempre se deu de maneira respeitosa e benéfica para ambos, promovendo uma relação de proximidade, carisma e acolhimento em relação aos fiéis da aldeia lagoinha, dentro de nossa comunidade, entidades não governamentais como ongs e igrejas buscam atuar de maneira colaborativas, em especial na assistência social para famílias mais humildes e no fortalecimento da identidade cultural como no caso do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), entidade vinculada à setores da igreja católica que têm um histórico de luta em prol dos interesses de comunidades tradicionais, apoiando as causas indigenistas e os direitos dos povos indígenas em especial nas questões territoriais (CARVALHO, 2002).

Compreender os surgimentos das igrejas dentro da comunidade da aldeia Lagoinha, seus primeiros membros, prédios e atuação na comunidade, pode nos dar uma perspectiva do crescimento social e da organização interna da comunidade.

Nos tópicos a seguir são relatados processos de fundação das igrejas que existem atualmente na comunidade da aldeia Lagoinha.

I – Igreja Evangélica Missão Indígena Uniedas (União das Igrejas Evangélicas da América da Sul)

O histórico da igreja UNIEDAS da aldeia Lagoinha é apresentado através dos relatos do Pastor Emílio Miguel Moreira (FIGURA 09), atual líder da igreja local, com seus 41 anos de pastoreado, a história dessa igreja na comunidade remonta a década de 1960, não havia inicialmente um pastor propriamente dito, a liderança era assumida por anciões designados. A Igrejinha antiga (FIGURA 06) começou em 28 de julho de 1968, foi o marco inicial, contando com a liderança de Simão e Juliana. Em 1971, durante a gestão do pastor Reginaldo, houve a consagração da igreja, que passou a ser chamada de Igreja Batista.

FIGURA 09: À esquerda, prédio antigo e à direita, prédio novo da Igreja Uniedas - MIU



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Aldeia Lagoinha, (esquerda sem data) (Direita, 2024)

O período de construção da nova igreja, inaugurada oficialmente, ainda estava em andamento, por volta do ano de 1979 como o momento da Pedra Fundamental. Contudo, não há uma data exata para a conclusão, e as celebrações começaram antes da finalização da estrutura. Durante o processo, houve ainda a

mudança de nome do líder, de ancião para presbítero, em sequência com a consagração do pastor Reginaldo em 1º de julho de 1971.

Quanto à quantidade de membros, inicialmente foram duas mulheres que começaram o ponto de pregação: Margarida Miguel e sua filha Gervazia Moreira. Junto com elas vieram os primeiros membros 5 pessoas Rosalino da Silva, Liduína da Silva, Guilherme Moreira, Rubéns Moreira e Risquinho Pereira, com o passar dos anos o número de membros aproximou-se de 50 pessoas ainda no período inicial da igreja. O número estimado se dá ao fato de que o processo de batismo e registro de membros não era rigorosamente documentado, levando a uma aproximação no número de membros.

O srº Emílio assumiu o posto de pastor da igreja em janeiro de 1982, enquanto a construção do novo prédio da igreja estava em andamento. Não há uma data precisa da inauguração do novo prédio, no entanto, cultos e outras atividades da igreja já ocorriam antes mesmo da conclusão do prédio.

FIGURA 10: Sr. Emílio Miguel Moreira, atual pastor da Igreja Uniedas Lagoinha.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Aldeia Lagoinha, 2024

A família Miguel Moreira tem papel na formação da aldeia lagoinha, sendo que Sr. Emílio foi o primeiro bebê nascido na comunidade em 3 de outubro de 1957. A diretoria da igreja sempre foi composta por terenas, isso até os dias atuais, os cultos são realizados com horários fixos sempre às quartas, quintas, sábados e

domingos. A igreja possui um salão social, cozinha e dormitórios, esses espaços são cedidos para a comunidade quando solicitados para atender a eventos, reuniões de lideranças, de escolas e atividades relacionadas à saúde entre outros eventos de interesse da comunidade.

II – Igreja Batista

As informações do histórico da igreja foram fornecidas pelo atual Pastor da Igreja Batista, Gilson Carlos Vertelino, durante uma entrevista. Ele obteve esses dados de um antigo caderno, de autoria do Pastor Reginaldo Miguel Hoyenó'o, deixado na igreja quando assumiu o cargo.

A primeira Igreja Batista da Aldeia Lagoinha (FIGURA 11) originou-se de uma divisão na diretoria da Igreja Uniedas da Aldeia Lagoinha. Ocorreu uma divergência entre a diretoria que procedeu na abertura da o da Igreja Batista, liderada pela família do Pastor Reginaldo Miguel Hoyenó'o, na ocasião foi formado no Instituto da Igreja Batista em Campo Grande, MS, acompanhado pela família dos irmãos Tiburcio Moreira, Francisco Moreira, João Cece, João Mamédio, Sofio Geronimo, Cornélio Antonio e Sebastião Pereira. Assim foi aprovado no mês de Março de 1980, sendo iniciado a realização do culto pelo Pastor Reginal Miguel. Gilson Carlos Vertelino, 2024.

FIGURA 11: Igrejinha antiga, primeiro prédio da igreja Batista na aldeia Lagoinha.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Aldeia Lagoinha, 2023.

Em março de 1980, conduzido pelo Pastor Reginaldo, realizou-se o primeiro culto sob uma mangueira na residência de João Manuel Cecé. Após a aprovação unânime, decidiram estabelecer grupos, como a Sociedade Feminina e o Grupo de

Jovens Novos Caminhos. Dois anos depois, surgiu o grupo das crianças, Cordeirinho de Cristo. Sofio Geronimo foi escolhido como presidente do grupo Novos Caminhos.

À medida que o número de membros crescia, João Manuel Cecé cedeu parte de sua casa para construir um galpão de palha para os cultos. Com o tempo, construíram uma pequena igreja de barro. O primeiro aniversário ocorreu em março de 1982, marcando o crescimento da igreja em membros e famílias.

Atualmente, o Pastor Gilson Carlos Vertelino lidera a Igreja Batista, nascido em 24 de agosto de 1976, morador da Aldeia Lagoinha, casado, com quatro filhos, não aposentado. Consagrado como missionário em 21 de abril de 2012, com aproximadamente 60 membros. Os cultos acontecem nas quartas (oração), quintas (pregação), domingos (família) e sábados (jovens). A igreja mantém lideranças Terena, mas não tem atividades com a comunidade.

Segundo o Pastor Gilson, na época do Pastor Reginaldo, decidiram que as festividades de aniversário da igreja seriam no segundo domingo de julho, possibilitando a participação dos membros que saíram para as cidades na celebração.

III – Igreja Pentecostal Unida Indígena

O Pastor Denailson Ovídio é o atual líder da Igreja, desempenhando essa função desde sua fundação. Em uma entrevista, ele compartilhou: "A igreja teve início debaixo de um pé de manga no meu quintal. Não tínhamos bancos, som ou microfone - era apenas a voz. Éramos 13 pessoas, 6 adultos e 7 crianças. Inicialmente, todos os membros eram da minha família, adorávamos a Deus nessas condições". Atualmente, a igreja (FIGURA 12) conta com cerca de 50 membros ativos.

FIGURA 12: Igreja Pentecostal Unida Indígena em aldeia Lagoinha



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Aldeia Lagoinha, 2024.

Os cultos ocorrem às quartas-feiras (culto de oração), sextas-feiras (unção com óleo) e domingos (culto da família). Toda a liderança é composta por membros da comunidade Terena, sendo a igreja desprovida de atividades direcionadas especificamente para a comunidade.

IV – Igreja Mato Grosso

A Igreja Mato Grosso (FIGURA 13) está situada na Aldeia Lagoinha, um pouco afastada do centro. O responsável e atual pastor é Nilson Pedro. Como é comum aqui na aldeia, ele compartilhou durante a entrevista: "Foi aqui mesmo no meu quintal que os cultos começaram, ao ar livre, sem som, sem nada. Tudo começou em 2005. Inicialmente, eu não era o pastor, mas sim o meu sogro Ladislau Mamédio (que já faleceu). Conforme ele envelhecia, eu assumi a liderança da igreja, tornando-me o pastor responsável desde 2014. Já se passaram 10 anos desde que estou à frente desta igreja. As primeiras famílias que participavam inicialmente eram a minha, meus pais, filhos e os pais da minha esposa."

FIGURA 13: Barracão onde ocorrem os cultos da Igreja Mato Grosso



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Aldeia Lagoinha, 2024.

Atualmente, cerca de 30 membros, distribuídos em 10 famílias, frequentam a igreja. O local dos cultos é construído no quintal do pastor e está em fase de construção. Os dias de culto são quarta-feira (oração), quinta-feira (louvor) e domingo (família). A liderança da igreja sempre foi e continua sendo composta por membros da comunidade terena, não oferecendo atividades para a comunidade em geral.

2.4 – Agricultura e subsistência na Aldeia Lagoinha

Desde a fundação da aldeia até os dias atuais, a atividade dos agricultores continua desempenhando um papel significativo. Essas pessoas dedicam-se ao cultivo e à colheita em suas roças, constituindo uma parte essencial na economia local e daqueles que dependem da terra para subsistência. Embora o número de agricultores, atualmente, não seja tão expressivo quanto no passado, quando a sobrevivência era mais dependente da agricultura, ainda hoje encontramos membros da comunidade que se dedicam ao cultivo de suas roças. A diminuição no número de agricultores se dá pela realidade mais facilitada dos dias atuais pela conveniência dos mercados próximos, e até mesmo dentro da comunidade além da disponibilidade de outras fontes de renda como trabalhos nas escolas, posto de saúde, ou mesmo na prestação de serviços como construção e venda de artigos que vão além dos produtos de roça, como perfumes e roupas.

No entanto, a presença e persistência desses agricultores até os dias atuais é notável dada as dificuldades de cuidar de suas roças para subsistência, para venda de seus produtos e ter uma produção razoável mesmo sem maquinários para o trabalho diário, realizando tudo de forma braçal e competindo com os produtos que são comercializados nos mercados próximos. É inegável que a valorização desses trabalhadores tem diminuído com o tempo, pois nem todos estão dispostos a enfrentar o árduo trabalho sob o calor escaldante do sol da região. O amor pela lavoura não é compartilhado por todos, e muitos optam por buscar oportunidades de emprego nas áreas urbanas ou ingressar em instituições de ensino superior em busca de novas perspectivas de sustento.

Vale ressaltar que esses agricultores, foram ouvidos e que serão mencionados a seguir, têm obtido ganhos financeiros a partir de suas atividades agrícolas. Eles cultivam, colhem e vendem seus produtos, tanto na aldeia quanto para comunidades e cidades vizinhas. Essa iniciativa lhes proporciona renda de diferentes formas. Apesar de serem poucos em número, é digno de reconhecimento o esforço árduo e suado que empreendem.

Dentre os participantes abordados neste tópico, é relevante destacar a figura de Francisquinho Pereira Moreira (FIGURA 14). Este indivíduo iniciou sua atividade agrícola desde a infância, ajudando seus pais, na Aldeia Lagoinha, comercializando seus produtos tanto dentro da própria comunidade quanto em localidades vizinhas e cidades próximas. Francisquinho Pereira Moreira, aos 52 anos de idade, é um membro da comunidade indígena, nascido em 16 de agosto de 1972, e reside na Aldeia Lagoinha. Sua principal ocupação é a agricultura, dedicando-se ao cultivo, colheita, consumo próprio e venda de diversos produtos agrícolas, tais como mandioca, melancia, maxixe, batata doce, banana, abóbora, entre outros.

Embora a agricultura não represente integralmente sua fonte de subsistência, certamente desempenha um papel significativo no sustento de sua família. Casado e pai de 8 filhos, Francisquinho Pereira Moreira ainda não se encontra aposentado.

FIGURA 14: Francisquinho Pereira Moreira



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Lagoinha, 2024.

Dona Eliza da Silva e seu irmão Orestinho da Silva, exemplares que merecem admiração pelo incansável trabalho que realizam (FIGURA 15). Iniciaram sua lida na roça junto com a família quando ainda eram crianças, sem uma data exata, apenas sabem que há muitos anos, mas assumiram a responsabilidade pela roça há pouco mais de 3 anos. Alternam entre a venda de seus produtos na própria comunidade e em comunidades vizinhas durante as épocas de colheita abundante e quando o plantio não rende, o cultivo é para subsistência.

FIGURA 15: Elizinha da Silva e seu irmão Orestinho da Silva.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Aldeia Lagoinha, 2024.

Dona Elizinha da Silva, indígena nascida em 16 de outubro de 1965 e moradora da Aldeia Lagoinha, possui 59 anos e está em busca da documentação necessária para a aposentadoria. Viúva e mãe de dois filhos, ela cultiva feijão de corda, mandioca, maxixe e melancia, destinando exclusivamente para venda, não

fazendo uso próprio. Seus produtos são comercializados, inclusive, na feirinha indígena em Campo Grande. Seu irmão Orestinho da Silva, nascido na Aldeia Lagoinha em 23 de março de 1979, com 45 anos, não possui cônjuge nem filhos e é aposentado por incapacidade. Ele desempenha um papel fundamental como braço direito de sua irmã, Elizinha, sendo o único que reside com ela e presta o máximo auxílio nas atividades de plantação e colheita.

Na época em que nossa comunidade estava se estabelecendo, as coisas eram difíceis, incluindo dinheiro, alimentos e trabalho. Desde muito cedo a maioria dos agricultores cultivavam para subsistência, exceto Dona Elizinha, que começou recentemente.

Sebastião Pereira (FIGURA 16), nascido em 9 de junho de 1956 na Aldeia Bananal, uma aldeia vizinha, tem 67 anos, é casado, tem 3 filhos e é aposentado. Ele mudou-se para a Aldeia Lagoinha em 15 de novembro de 1977, e, no ano seguinte, aos 22 anos, começou a cultivar junto com seu pai.

FIGURA 16: Sr. Sebastião Pereira.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Aldeia Lagoinha, 2024.

Na aldeia, há um local onde as plantações são mais concentradas. Segundo Sebastião, sete pessoas iniciaram as plantações nesse local: Francisco Moreira, Tiburcio Moreira, Lourenço Moreira, Florindo Miguel, João Mamédio, Sebastião Pereira e Leopoldo da Silva.

Inicialmente, Sebastião e seu pai cultivavam para sustentar a família, sem a intenção de vender, apenas para consumo próprio. Plantavam mandioca, abóbora, feijão, batata doce, maxixe, melancia, arroz, milho e banana.

Atualmente, Sebastião cultiva principalmente para venda, consumindo o excedente. Ele não tem emprego fixo, dedicando-se inteiramente à sua plantação, focando agora em feijão, maxixe, mandioca, melancia e banana.

Ailton Joaquim (FIGURA 17), nascido em 18 de maio de 1977 e residente na Aldeia Lagoinha, tem 46 anos, é casado e tem um filho. Ele não é aposentado. Desde a infância, Ailton se envolveu na lavoura, influenciado por seu pai, ajudando-o nas atividades agrícolas. Naquela época, a roça era crucial para a sobrevivência, enfrentando muitas dificuldades e cultivando uma variedade de alimentos, como mandioca, maxixe, banana, feijão, melancia, batata, entre outros.

FIGURA 17: Sr. Ailton Joaquim



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Aldeia Lagoinha, 2024.

Atualmente, Ailton não depende exclusivamente da lavoura para sustento. Ele trabalha como motorista na Sesai (Secretaria Especial de Saúde Indígena). No entanto, durante seu tempo livre, ele continua ativo na sua roça, dedicando-se ao cultivo de alimentos tanto para a venda como para o consumo da sua família.

Nilson Pedro (FIGURA 18), nascido em 27 de setembro de 1979 na Aldeia Lagoinha, possui 45 anos, é casado e pai de três filhos, além de estar aposentado. Ele começou sua atividade na lavoura há 18 anos, logo após seu casamento com a atual esposa, Elenice Rodrigues. A decisão de iniciar a plantação visava tanto a comercialização para o sustento da família quanto o consumo próprio.

FIGURA 18: Sr. Nilson Pedro



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Aldeia Lagoinha, 2024.

Atualmente, sua principal ocupação é a lavoura, sendo esta sua única fonte de trabalho. Nilson cultiva mandioca, batata, melancia, quiabo, maxixe e banana, diversificando sua produção para atender às demandas de venda e às necessidades alimentares de sua família.

Galdino Gonçalves Sales (FIGURA 19), nascido na aldeia Lagoinha em 17 de abril de 1964, completa 60 anos de idade. É casado e tem três filhos, ainda não se aposentou. Em tempos passados, cultivava uma variedade de alimentos, como mandioca, maxixe, batata, banana e milho. Segundo ele, a terra era muito produtiva, proporcionando colheitas abundantes, uma realidade que não perdura atualmente.

FIGURA 19: Sr. Galdino Gonçalves Sales.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Aldeia Lagoinha, 2024.

Atualmente, desempenha o papel de Auxiliar de Serviços Gerais (ASG) na Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Pastor Reginaldo Miguel Huyenó'o. Entretanto, nos momentos livres, dedica-se à roça, limitando-se ao cultivo de mandioca e maxixe, destinados exclusivamente ao consumo pessoal. Ele comercializa apenas quando há demanda por parte de interessados.

Esses são exemplos que contribuem de maneira significativa para a comunidade e o sustento de suas famílias com trabalho árduo diário.

2.5 – Os profissionais da Aldeia Lagoinha

Com os avanços conquistados, por meio de escolas e promoção da formação superior dos egressos das escolas da comunidade, inúmeros profissionais se formaram e retornaram para atuar dentro de sua aldeia, prestando serviços profissionais relevantes para seus membros, ao mesmo tempo em que promove o orgulho para seus patrícios (membros de sua comunidade com o qual têm laços de respeito quase como se fossem parentes) por ser um fruto de sua comunidade. Alguns destes profissionais relatam as principais dificuldades na construção de suas carreiras, durante sua formação interna e como foi a experiência de sair de sua zona de conforto para conquistar uma formação fora de sua comunidade.

A seguir, há uma descrição dos profissionais da nossa comunidade, os ganhos e o crescimento do povo.

Conforme mencionado, a Aldeia Lagoinha enfrentou diversos desafios, com ênfase especial na área da educação, considerada um dos pilares essenciais na comunidade. No passado, os moradores enfrentavam desafios mais intensos devido às circunstâncias difíceis. Contudo, conquistaram avanços notáveis, há poucos anos atrás, os professores se deslocavam de Aquidauana e, às vezes, de Campo Grande para lecionar na aldeia.

Atualmente, isso não é mais necessário, pois há profissionais que retornaram para a comunidade e lecionam nas escolas da aldeia, diminuindo a necessidade de contratação de professores da cidade. Da mesma forma, profissionais de saúde da aldeia também precisaram se deslocar para a cidade, enfrentando desafios, mas atualmente, com exceção ainda da enfermeira e do médico, os demais profissionais são moradores locais, representando uma conquista significativa para a comunidade.

Além disso, alguns moradores conseguiram estabelecer mercadinhos e pequenos comércios, superando desafios por meio de esforço e perseverança. Esses empreendimentos locais oferecem uma variedade de produtos, incluindo itens cultivados na roça, exemplificado pelo caso de Francisquinho. Essas conquistas fortalecem a economia local, representando testemunhos tangíveis do progresso e da resiliência da comunidade da Aldeia Lagoinha.

2.6 – Perspectivas de um POVO - a visão de uma acadêmica de história

Ao analisar os processos envolvidos no crescimento e evolução da comunidade da aldeia Lagoinha, novos horizontes são vislumbrados por seu povo. É evidente que hoje a vida na comunidade é muito mais "fácil" que anos atrás, quando se fala "anos atrás" não são décadas, um intervalo de 5 anos já é o suficiente para observar grandes mudanças dentro da comunidade, na oferta de cursos profissionalizantes, técnico, graduação e até mesmo pós-graduação, sem mencionar a melhoria na conexão de internet, que hoje é feita inclusive por fibra-óptica, isso garante para nossas crianças um futuro muito melhor, combinando com a preservação de nossa cultura (FIGURA 20).

FIGURA 20: Criança Terena se divertindo enquanto dança a Híyokena Kipae.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Aldeia Lagoinha, 2023.

Atualmente, a Aldeia Lagoinha apresenta uma diversidade de profissionais, incluindo técnicos em enfermagem, agentes de saúde, professores e diretores, todos residentes na comunidade. A maioria dos profissionais formados da comunidade atuam na educação, sendo que atualmente são 20 acadêmicos em cursos de

licenciatura. Também há alunos no curso de Normal Médio, curso com aulas na própria comunidade que atrai cerca de 30 alunos, com indivíduos de outras aldeias também, a duração é de um ano e meio.

Além do curso Normal Média, em 2024, serão introduzidos cursos de agropecuária e agroecologia. O crescimento da comunidade, impulsionado por esses profissionais engajados, sugere a possibilidade de, no futuro, termos acesso ao ensino superior dentro da própria aldeia.

A dimensão religiosa é marcante na Aldeia Lagoinha, com predominância do segmento evangélico, abrangendo aproximadamente 90% dos habitantes. Diferenciando-se das aldeias vizinhas, a Lagoinha não possui uma Igreja Católica. Como moradora, acredito no potencial de fortalecer nossa comunidade em áreas como saúde, educação, lazer e aspectos religiosos, promovendo um crescimento conjunto e sustentável.

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A responsabilidade de registrar essas narrativas, assumida pela geração mais jovem entre os Terena, é vital para garantir o acesso às raízes da comunidade. O método utilizado foi o da história oral foi essencial na construção do estudo, envolvendo a participação ativa dos anciãos. A valorização deles como guardiões de tradições e conhecimentos ressalta a importância da tradição oral na preservação cultural. A escola na comunidade desempenha papel crucial nesse processo, fortalecendo a identidade cultural. A presença das igrejas e a colaboração com entidades não governamentais são destacadas de forma positiva. A persistência dos agricultores na comunidade, apesar das transformações econômicas, ressalta a importância da agricultura na história local. O crescimento e evolução da comunidade, com acesso à educação superior e diversificação profissional, mostram conquistas notáveis. A preservação da história e cultura da Aldeia Lagoinha é crucial para manter viva a identidade Terena, exigindo o compromisso contínuo com a valorização das tradições e o fortalecimento da comunidade em vários aspectos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Histórias dentro da História.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas.** 3ª ed. São Paulo: Contexto, p. 155-202, 2008.

AMARAL, E. V. **Atuação Das Lideranças Na Aldeia Kunanã (Terra Indígena Juminã).** Trabalho De Conclusão De Curso, Licenciatura Intercultural Indígena. Universidade Federal Do Amapá. Oiapoque, 2018.

ASSMANN, B. F.; LAROQUE, L. F. S.; MAGALHÃES, M. L. **Saúde Indígena Em Tempos De Pandemia: Relações De Respeito Às Especificidades Culturais Dos Indígenas Kaingang No Campo Da Saúde.** Destaques Acadêmicos, Lajeado, v. 13, n. 3, p. 281-297, 2021.

BALTAZAR, P. **O processo decisório dos Terena. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)** – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

DOMINGO, S. V.; MARIA, E. C. **Análise do comportamento socioambiental terena por meio de marcadores espaço-temporais: uma contribuição para a conservação da cultura.** Interações (Campo Grande), v. 18, p. 59-73, 2017.

BAYER, M. F.; FLORENTINO, O. P. M.; ORZECOWSKI, S. T. **EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: o processo de gestão como forma de organização e respeito aos conhecimentos.** Revista Espacialidades [online], v. 16, n. 1. 2020.

CARVALHO, I. M. **O Cimi E Sua Assessoria Aos Movimentos Indígenas.** Tellus, v 2, n. 2. 2002.

LANGDON, E. J.; DIEHL, E. E. **Participação e autonomia nos espaços interculturais de Saúde Indígena: reflexões a partir do sul do Brasil.** *Saúde E Sociedade*, v. 16, n. 2. 2007.

MELO, S. L. de. **A religiosidade no Brasil colonial: o caso da Bahia (séculos XVI-XVII).** 2010. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

MIRANDA, R. **Sociobioeconomia para Coevolução: Modelo de Gestão Sistêmica para Populações Tradicionais.** Dissertação de (mestrado em Pesquisa Operacional) – Instituto Tecnológico de Aeronáutica e Universidade Federal de São Paulo, São José dos Campos, 2023.

NASCIMENTO, E. C. M.; MEDEIROS, H. Q. **A dança das mulheres e o artesanato Terena como referência para uma Educação Ambiental Decolonial**. REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, [S. l.], v. 38, n. 2, p. 330–350, 2021. DOI: 10.14295/remea.v38i2.11943.

OLIVEIRA, E. A. **Uma apresentação iconográfica dos rituais religiosos/culturais Terena na Aldeia Buriti, MS**. Tellus, [S. l.], n. 30, 2016. DOI: 10.20435/tellus.v0i30.394.

PEREIRA, L. **As Políticas públicas para a saúde indígena e a política de saúde das mulheres Kaiowá da reserva de Amambai, MS: aproximações e impasses**. 2020. 135 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2020.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola Municipal Polo Marcolino Lili, Aquidauana, 2023. DELFINO, Délio. Dados sobre o Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Polo Marcolino Lili.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola Estadual Pr. Reginaldo Miguel Hoyeno'Ó, Aquidauana, 2023. CARDOSO, Luiz César de Souza. Dados sobre o Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Polo Marcolino Lili.

SANTOS, P. L.; SILVA, E. D. **A educação escolar indígena como fortalecimento da identidade cultural dos potiguara da paraíba/brasil - considerações iniciais**. Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 60, n. 1. 2021.

SOUZA, A. V.; SOUSA, A. P. V. A. **Proteção Dos Direitos Humanos Do Povo Indígena Tapuia Do Cerrado Goiano**. Revista ft, v. 28. DOI: 10.5281/zenodo.10293467. 2023

VILARIM, P. R.; MARTINS, D. R.; RODRIGUES, S. P. J. .; OLIVEIRA, J. E. DE. **O papel dos anciãos na preservação e divulgação do etnoconhecimento terena em escolas indígenas no estado de Mato Grosso do Sul**. Reflexão e Ação, v. 30, n. 2, 2022.

VARGAS, V. L. F. **A dimensão Sociopolítica do território para os Terenas: as aldeias nos séculos XX e XXI**. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2011. 187p.

VALIENTE, M. A.; PALMA, R. DA. **O Capitão na visão dos Kaiowá e Guarani do Tekoha Guapo'y/Reserva de Amambai**. Tellus, 19(40), 123–136. 2019. <https://doi.org/10.20435/tellus.v19i40.603>.

VENTURA, M. T.; LACERDA, L. T.; NINCAO, O. S. **Histórias e desafios da formação docente na escola indígena polo General Rondon, Aquidauana, Mato Grosso do Sul, Brasil.** Revista Diálogos Interdisciplinares – GEPPFIP, v. 1 n. 1. 2014.

SILVA, D. **Estudo Lexicográfico da Língua Terena: Proposta de um dicionário bilíngue Terena-Português.** Tese de Doutorado, PPG Linguística e Língua Portuguesa. UNESP-Araraquara, 2013.